

O super-homem de Nietzsche*

Heitor Muniz**

Resumo: Artigo publicado no diário do Rio de Janeiro *A Manhã*, em 1942. Nele, o historiador brasileiro discorre sobre aspectos morais e políticos do ideal do “super-homem de Nietzsche”. Para tanto, transcreve e parafraseia trechos de sua obra *Assim falava Zaratustra*; traz citações de intérpretes de suas obras, como Édouard Schuré e Antonio Mariano Barrenechea; procura desvencilhar sua ideia do super-homem de utilizações pessoais, políticas e autoritárias, defendendo seu autor como um patrimônio comum da humanidade.

Palavras-chave: Nietzsche - super-homem - moral - política

A ideia do super-homem não foi uma fantasia de Nietzsche. O super-homem existe. Os super-homens existiram sempre. Triste da humanidade se não fossem esses homens sobre-humanos que de quando em quando aparecem e cumprem na terra a missão a que vieram. O mundo, em todas as idades, tem-se submetido e sujeitado a umas poucas pessoas, que já pela qualidade da ideia que encarnam, já pela amplitude de sua receptividade, tinham direito ao cargo de guias e legisladores. Essa frase é de um famoso filósofo norte-americano, Emerson. Ela envolve uma dessas verdades inquestionáveis.

O grande homem que Nietzsche queria é aquele que com os olhos fitos num ideal coloca toda a sua vontade e toda a sua ação ao serviço da grandeza humana. Na prossecução dos fins e normas que se impôs, escreve o professor Pfänder no seu ensaio sobre

*Artigo publicado no diário carioca *A Manhã*, em agosto de 1942.

** Heitor Muniz (?). Escritor, historiador.

Diniz, A.

Nietzsche, o super-homem é duro e rijo consigo mesmo. “Não se detém em dores, fadigas e privações. Renunciou a toda felicidade, repouso e prazer para a sua pessoa”. “Sem esse domínio sobre si mesmo, não existe verdadeira grandeza humana. Ao mesmo tempo, o super-homem está provido de um espírito claro e perspicaz. A claridade e a penetração do espírito são qualidades inerentes à verdadeira grandeza”.

As almas humanas dividiam-se para Nietzsche em duas espécies, as almas senhoriais e as almas servis. As almas senhoriais possuem o poder da vontade e sabem afirmar-se com pujança. Sabem o que querem e sabem querer. Aliam plenamente as duas forças, a moral e a intelectual. Com esses atributos estão aptas a vencer. Os super-homens só podem sair de entre as almas senhoriais.

Já as almas servis apresentam uma outra mentalidade. “Como nada tem a temer dos homens débeis, glorificam como bom o homem fraco, inofensivo e sobretudo se é um pouco estúpido. Exortarão dos demais o ânimo pacifista e o amor ao próximo a fim de não terem que temê-los. Para assegurar à sua própria debilidade o auxílio dos outros, lhes inculcarão como suprema virtude a compaixão pelos débeis e enfermos. Para desviar todo perigo que possa ameaçá-los por parte dos fortes, reclamam também aos fortes a bondade, a mansidão, a humildade, a paciência, a tolerância, a moderação, o sacrifício e a constante prestação de ajuda”.

As almas senhoriais são as únicas capazes de construir alguma coisa e o que tem havido de melhor na humanidade nasceu delas. A vida humana é uma constante vitória do homem sobre a natureza. Para haver vitória, é necessário haver luta. Havendo luta, é preciso coragem para enfrentar os perigos e arrostar os sofrimentos. A alma senhorial é a do homem de bravura e de ação.

Quer dizer que os débeis devam ser suplantados pelos fortes?
A resposta é dada pelos fatos.

Os fracos, os submissos, os que não arriscam e não constroem, os que concordam com tudo e não reagem a nada, os que não confiam em si mesmos e só esperam alguma coisa do socorro alheio, esses pela própria lei da natureza estão condenados a ser vencidos. E quem tem alma de escravo não tem o direito de se queixar. Se isso é certo ou errado, é assunto a discutir no terreno da teoria. A realidade mostra que assim é que é...

Pregava Zaratoustra, com cinismo ou não, porém com a verdade:

– Não creio nos espíritos refrigerados. Ainda que não saibam mentir, não sabem o que é a verdade... Se quereis subir alto, servi-vos das próprias pernas. Mas aquele que quer ser o primeiro, que tome o cuidado para não ser o último.

Na sua sabedoria ou na sua filosofia, dizia ainda Zaratoustra: Mesmo as coisas piores têm os seus reversos...

Que é o super-homem? É o homem que ultrapassa o homem. Ferrater Mora, o autor do Dicionário de Filosofia, dá-lhe essa definição simplíssima: “O super-homem é o que vive em constante perigo, o que, por se haver desprendido dos produtos de uma cultura decadente, faz de sua vida um esforço e uma luta”.

Não se discute que é um ideal. Nietzsche não se preocupava com a popularidade e às vezes mesmo a desdenhava. Mas por quê? Porque achava que a procura da verdade devia ser feita pelos “caminhos mais perigosos”. Na ânsia de achar essa verdade sacrificava tudo o mais. No seu ensaio sobre o autor de “O crepúsculo dos ídolos”, Édouard Schuré recorda como um dos pontos fundamentais da concepção nietzschiana a sua famosa parábola, “As três metamorfoses”.

“Vou enunciar, diz Zaratoustra, as três metamorfoses do espírito: como o espírito se torna camelo, como o camelo se torna leão e como o leão se torna menino”. O camelo enche-se de encargos pesados: “sobe nas montanhas mais altas, bebe a água mais salgada e nutre-se de ervas secas”. “Assim o espírito conquista tesouros de que tem necessidade para a sua obra” (*sic*). Mas um dia, lá nos fundos do deserto, realiza-se a metamorfose: “aqui (são palavras de Zaratoustra) o espírito torna-se leão. Quer conquistar a liberdade e ser o dono de seu próprio deserto. Procura seu último senhor: quer ser o seu inimigo, assim como do seu último deus; pela vitória, quer lutar com o grande dragão. Qual é o grande dragão, a que o espírito não quer mais chamar nem de Deus nem de Mestre? “Tu deves”, chamar-se o grande dragão. Mas o espírito do leão diz: “Eu quero”. E porque é preciso que o leão feroz se torne menino? O menino e a inocência e o esquecimento, um novo começo e um jogo, uma roda que rola sobre si mesma, um primeiro movimento, um “sim” sagrado. Pelo jogo da criação há necessidade de um “sim” sagrado. É sua vontade que espírito quer no presente, é seu próprio mundo que quer ganhar aquele que perdeu o mundo” (*sic*).

Nietzsche pregava a liberdade absoluta do indivíduo e proclamava que “o fundo de toda a vida é o desejo de poder”. Homens e mulheres (a síntese nietzscheana é agora de Schuré) fingem amar-se, mas não se associam senão para devorar-se uns aos outros. O escravo sofre do senhor para tirar um pouco de seu poder e o exercer sobre os inferiores. O desejo de reinar é o fundo da alma e o fim da vida. Daí as leis da moral “sofrerem variações, segundo os povos e os tempos”. Nietzsche concluía então “que a ideia do bem não é senão uma coisa relativa, arbitrária, individual e sem fundamento”. O bem “não é senão a lei do forte imposta no fraco. Faze o que tu queres, mas sabe querer”.

Ao fim de que Nietzsche exclama: “(...) Eis condenado a ti

mesmo e à tua própria lapidação. Lançaste a pedra ao longe, mas ela recairá sobre ti”.

Em outro de seus pensamentos ele diz:

– Os fracos não são bons senão para serem comidos...

Sem dúvida. Nietzsche é confuso e contraditório. Para compreendê-lo bem, é mister que se concentre muito a atenção e se tenha muita paciência. Pode-se também interpretá-lo de várias maneiras e ele o tem sido. Talvez mesmo a “verdade” de Nietzsche seja aquela que ele tanto procurou e não achou, acabando por sombrear-se a sua luminosa inteligência nas trevas melancólicas e angustiosas da loucura.

Surge agora a mulher no jogo do homem.

Pergunta Nietzsche:

– Que é a mulher para o homem? O homem verdadeiro quer duas coisas: afrontar um perigo e jogar. É por isso que deseja a mulher como o mais perigoso dos divertimentos. O homem deve ser educado para a guerra e a mulher para o repouso do guerreiro. Tudo o mais é loucura. A felicidade do homem chama-se eu quero. A felicidade da mulher chama-se: ele quer.

Agora indaga o espírito do homem moderno que reage contra a escravidão de toda e qualquer espécie, lutando pela liberdade e pela dignidade da personalidade humana: seria Nietzsche um reacionário, um antidemocrático, um precursor das teorias da força e da violência?

Para responder se Nietzsche foi ou não contrário à democracia, seria mister antes de tudo definir a expressão democracia.

Na verdade, a questão democrática, em seus aspectos comuns, não entrou nunca nas cogitações de Nietzsche.

Há, entretanto, uma coisa que é certa: não existe a menor

Diniz, A.

incompatibilidade entre a concepção nietzschiana do super-homem e a existência do homem democrático.

Pelo contrário.

Querendo o super-homem, Nietzsche batia-se pela cultura superior porque o super-homem era o homem da cultura elevada ao máximo. Nietzsche queria a fraternidade entre os povos, a instituição futura de uma língua única e o desarmamento geral de todas as nações. Combatia violentamente a “falsa cultura e a ignorância oficiais”, combatia o espírito prussiano, a mentalidade política germânica e a perseguição aos judeus. “A velha sociabilidade alemã, a profundidade alemã, a paixão alemã pelas coisas do espírito, escrevia Nietzsche após a guerra de 1870, diminuem visivelmente dia a dia” (*sic*).

A respeito da questão de raças, um dos pontos fundamentais do nazismo, assim se manifesta o filósofo de Röcken:

“Nós sem pátria estamos unidos por nossas origens a demasiadas raças para sermos tentados a imitar essa vã e enganosa glorificação da raça que passa hoje na Alemanha como prova de patriotismo”.

Nietzsche, opondo a alma senhorial à alma servil, definia-se claramente a favor dos que reagem e contrário aos acomodatórios, os covardes, os que suportam tudo. Querendo a vida perigosa, sublimava naturalmente as qualidades viris e desprezava os que não têm a intrepidez de lutar.

Quando se diz, escreve Barrenechea, que o filósofo de Zarathustra “é o teorizador da ditadura, o filósofo dos armamentos em grande escala, o cantor da injustiça social e da iniquidade autoritária, da impudicícia política, os espíritos sérios devem levantar-se e protestar: “Não!”. “Nietzsche, teórico do Estado totalitário? prossegue Barrenechea. Mas toda sua obra grita contra tão absurda suposição”.

Nietzsche queira o super-homem, mas não o super-Estado, que ele combateu asperamente. E tinha pela liberdade individual uma paixão capaz de todas as rebeldias. O que se deu naturalmente com ele foi isto: tendo sido um dos maiores filósofos do mundo, e um dos maiores homens de pensamento da humanidade, tendo escrito sobre uma infinidade de assuntos e tendo deixado um sem número de ideias, pensamentos e conceitos, não raro contraditórios, mas de uma profundidade admirável, o seu nome passou a ser invocado pelos homens de todos os credos, cada qual procurando conduzi-lo para o caminho de suas doutrinas.

É o que diz Barrenechea: todos querem tirar de sua imagem “um ensinamento que justifique suas próprias simpatias pessoais, seus credos literários ou filosóficos, seus programas políticos”.

Eis por que Hitler foi ao Arquivo de Weimar e se retratou ao lado do busto de Nietzsche. Mas eis também por que o anti-Hitler, Heinrich Mann, reivindica Nietzsche para o seu campo de ação com o mesmo entusiasmo com que o fazem os seus adversários. No fundo Nietzsche não é homem de nenhum partido, nem de nenhuma escola. É um homem que pertence ao patrimônio comum da humanidade.

Ao fim de tudo há uma verdade incontestável: o super-homem corresponde a uma necessidade do mundo. Os grandes homens, os homens necessários, os homens providenciais existem, existirão e hão de existir sempre.

Como diz Carlyle, exaltando o culto aos heróis e ao heroico nos assuntos humanos, a história universal, formada pelos feitos que os homens realizaram, não é, em suma, outra coisa que a história dos grandes homens que atuaram no seu desenvolvimento. “Estes grandes homens foram os condutores da humanidade, os verdadeiros modeladores e modelos e num sentido mais amplo

Diniz, A.

os criadores de quanto a totalidade dos homens tem tratado e conseguido levar a termo”.

Repitamos com Carlyle: “Todas as coisas que vemos realizadas à face da terra são propriamente o resultado material exteriorizado, a execução prática cristalizada dos pensamentos que os grandes homens germinaram e difundiram pelo mundo”.

Tudo passa na vida. Mas os grandes homens, esses nunca morrem. Esses ficam para sempre.

Abstract: Article published in the carioca journal *A manhã*, in 1942. The Brazilian historian discusses moral and political aspects of the ideal of “Nietzsche’s superman”. For this purpose, it transcribes and paraphrases parts of his work *Thus spoke Zarathustra*; it brings quotes from interpreters of Nietzsche’s works as Édouard Schuré and Mariano Antonio Barrenechea; it seeks to disentangle the idea of superman from personal, political and authoritarian uses, defending his author as a common patrimony of humanity.

Keywords: Nietzsche - superman - political morality

referências bibliográficas

Nietzsche, “Assim falou Zaratoutra” e “A vontade de poder”; Pfänder, estudos em “Os Grandes Pensadores”, vol. II; WILL Durant, “História da Filosofia”; Ferrater Mora, “Dicionário de Filosofia”; Edouard Schuré, “Precursores e Revoltados”; Emerson, “Homens Simbólicos”; Carlyle, “Os Heróis”; Heinrich Mann, “O Pensamento Vivo de Nietzsche”; Stefan Zweig, “Nietzsche”; Mariano Antonio Barrenechea, “Frederico Nietzsche”; Mosca, “História das Doutrinas Políticas”; Veit Valentin, “História Universal”; Daniel Valéry, “A vida de Frederico Nietzsche” (*sic*).